

# A noção de Relação em Édouard Glissant

Enilce Albergaria Rocha\*



## Abstract

he notion of Relation in E. Glissant considers the importance of the confluence of the multiplicity of the cultural expressions of peoples and minorities in the Earth-Totality taken into account. Such confluence transforms the peoples, the societies, the communities and the individuals' sensibilities. It is the role of literature and of arts in general to capture the fabric of the Relation of the Earth-Totality concretely taken into account.

**Keywords:** Identity, relation, globalization.

---

\* Professora-Adjunta de Língua e Literatura Francesas e do Mestrado em Teoria da Literatura da UFJF.

A noção de Relação ressalta a importância de se considerar a confluência da multiplicidade das expressões culturais dos povos e das minorias na abordagem do fenômeno da globalização, uma vez que o discurso dominante considera, de forma quase que exclusiva, apenas seus aspectos políticos e econômicos.

A confluência das culturas está determinando com transformações tanto nas sociedades e comunidades, quanto nas sensibilidades dos seres humanos; e os povos, sobretudo os que emergem da colonização, vêem-se confrontados com um movimento duplo e aparentemente contraditório: o de seu enraizamento cultural, necessário à sua sobrevivência, e o da Relação da totalidade das culturas.

*Hoje os problemas se deslocaram. O problema hoje é tanto o enraizamento das comunidades, porque as comunidades foram dominadas um pouco por toda parte através do ato da colonização, quanto a Relação. Vemos o problema da Relação em todos os campos: político, econômico, etc... Vemos muito bem que há relações, mas não vemos a Relação, no que concerne a expressão cultural das comunidades. Entretanto a Relação está aí presente, ela existe. Isto significa que quer eu queira, ou não, que eu aceite ou não - sou determinado por um certo número de relações no/do mundo<sup>1</sup> (Glissant, 1995, p. 37).*

A noção de Relação está vinculada à constatação da Totalidade-terra realizada, que contrapõe-se a uma visão de mundo unitário - o Uno. À ideologia do Uno, Glissant opõe a concretude da diversidade dos povos presentes hoje na cena do mundo, e essa presença do Diverso dissolve os pressupostos metafísicos que fundamentam a concepção de identidade abstrata generalizável a todos os humanos. A Totalidade-Terra é totalidade aberta, em movimento, e em Relação:

*Após a Segunda Guerra mundial, temos a presença antagônica dos dois impérios romanos de nosso tempo, os Estados Unidos e a União Soviética, movidos pela mesma crença ingênua, frequentemente comprovada na realidade, de sua preeminência sobre os outros povos. Nesse meio tempo, os povos pobres, devido à sua própria irrupção, haviam permitido que eclodissem as idéias novas da alteridade, da diferença, do direito das minorias, do direito dos povos [...] Não viamos como conceber a derrelição global das humanidades que se encontravam e se enfrentavam nos espaços e tempos do planeta. Então, vinda das intuições científicas, uma idéia pouco a pouco constituiu-se: podíamos*

---

<sup>1</sup> Texto original: Aujourd'hui les problèmes se sont déplacés. Le problème c'est celui de l'enracinement des communautés, parce que les communautés ont été dominées un peu partout dans le monde par l'acte de colonisation, mais c'est aussi celui de la Relation. On le voit dans tous les domaines: politique, économique, etc [...]. On voit bien qu'il y a des relations, mais on ne voit pas la Relation, en ce qui concerne l'expression culturelle des communautés. Pourtant la Relation est là, elle est. C'est-à-dire que je le veuille ou non, que je l'accepte ou non - je suis déterminé par un certain nombre de relations dans le monde (Glissant, 1995, p. 37).

A relação é a trama concreta e obscura na qual o silêncio e o aniquilamento das comunidades, seus desregramentos e suas tentativas de liberação se mostram, se dizem nos discursos dos povos. E nossas existências estão atadas por uma multiplicidade de elos obscuros, imperceptíveis, não ainda interiorizados, não ainda conscientes, a este sofrimento do mundo. Calamo-nos, mas este sofrimento provoca “um estrondo de silêncios em nossas cabeças”:

*Enquanto nos ocupamos, algo se desprende em algum lugar, de um sofrimento, de um grito, e se deposita em nós. O sal de morte sobre os rebanhos extintos, através de um deserto nômade que certamente não é liberdade. A devastação de povos inteiros [...]. As crianças cegas por sua incompreensível agonia. Os torturados que vêem a morte vaguear ao longe. O cheiro de óleo sobre a areia das peles. A lama que se acumula.[...] O volteio sangrento do planeta nos deixa estupefatos sem que dele ouçamos o menor ruído. Adivinhamos quantos povos no mundo, alertados no mesmo momento por esta mesma emoção e efervescência, são vítimas dessa mesma condição. Eis ao que todo discurso concorre. Não importa se em um canto do mundo somos esgotados em nossas matérias-primas, se as multinacionais funcionam em nós de forma crua e dura, se a poluição ainda é suportável, se nossas multidões não são metralhadas por qualquer motivo, e se nem sequer imaginamos as terríveis técnicas construídas por toda parte para obter o lucro e a morte - nós estamos juntos no “desbussolar” do mundo. O irracional mórbido e a necessidade vivaz nos igualam no projeto global [...]. O discurso dos povos marca o tempo e ritma este movimento lancinante, a Relação é primeiramente consciência, que não se sabe como tal, do relatado/relacionado... A análise do discurso sublinha o que pouco a pouco consegue emergir, através de evidências obscuras, da imensa trituração planetária, e permite aos humanos continuar resistindo*<sup>3</sup> (Glissant, 1981, p. 12-13).

- 2 Texto original: Après la Seconde Guerre mondiale, la présence antagoniste des deux empires romains de notre temps, les États-Unis et l'Union Soviétique, tous deux mus par la même croyance naïve, souvent vérifiée dans le réel, en leur prééminence sur les autres peuples. Entre-temps, les peuples pauvres avaient, par leur irruption même, permis qu'éclosent les idées nouvelles, de l'altérité, de la différence, du droit des minorités, du droit des peuples. [...] On ne voyait pas comment concevoir la déréliction globale des humanités qui se rencontraient et s'affrontaient dans les espaces et les temps de la planète. Alors, venue des intuitions scientifiques, cette idée peu à peu se rassemble, qu'on pouvait étudier le Chaos sans succomber au vertige désenchanté de ses incessantes transformations (Glissant, 1990, p. 149-150 - nota 5).
- 3 Texto original: Quand nos vaquons, quelque chose se détache quelque part, d'une souffrance, d'un cri, et se dépose en nous. Le sel de mort sur les troupeaux taris, au travers d'un désert nomade qui n'est certes pas liberté. La dévastation de peuples entiers [...] Les enfants aveuglés de leur incompréhensible agonie. Les torturés qui voient la mort flâner au loin. L'odeur d'huile sur le sable des peaux. Les boues qui s'amaissent. [...] La voltige sanglante de la planète nous stupéfie sans que nous en ayons bruit. Nous devinons qu'au monde combien de peuples en même temps alertés par le même émoi sont livrés à cette commune condition. Voici donc où tout discours concourt. N'importe si nous ne nous épuisons ici dans des matières premières, si les multinationales ne nous fonctionnent tout cru, si la pollution nous est encore légère, si nos foules ne sont mitraillées à tout va, et si nous n'imaginons même pas les effarantes techniques ça et là mises en oeuvre pour le profit et la mort - nous partageons pourtant le débousolement du monde. L'irrationnel morbide et la nécessité vivace nous égalisent au projet global [...] Le discours des peuples mesure et rythme ce lancinement; la Relation est d'abord conscience insue du relaté [...] L'analyse du discours souligne ce qui, de l'immense broiement planétaire, peu à peu se dégage par évidences obscures, permet de tenir encore (Glissant, 1981, p. 12-13).

A Relação pulveriza as idéias de “Ser” e de “Essência” que diferenciam o indivíduo singular e uma cultura particular, define as culturas como elementos naturais e isso nos leva a evocar os valores comparados das culturas, sustentando-os como estáveis e reconhecidos como tais. No entanto, Glissant assevera que a Relação interfere na relação interna dos componentes de cada cultura particular e na relação desses componentes particulares com as demais culturas, contendo o infinito das possibilidades.

Para Glissant, a questão atual colocada às culturas particulares é a de como renunciar à mentalidade e ao imaginário movidos pela concepção de uma identidade-raiz única, para entrar na identidade-relação, que é raiz-rizoma, que vai ao encontro de outras raízes.

Para tanto, faz-se necessário renunciar à afirmação segundo a qual “o Ser é relação”, para se considerar que “só a Relação é Relação”. E isso implica a reconversão do “Ser” em sendo, reconversão já realizada pelos povos das culturas compósitas no momento de sua composição cultural. Os povos de cultura atávica, tanto ocidentais, quanto orientais, africanos ou ameríndios, têm mais dificuldade em aceitar esse movimento permanente que está contido no sendo:

*Os povos indígenas são povos atávicos. E, independentemente de como eles próprios vêm essa questão, os habitantes de Quebec são um povo compósito comparativamente aos povos indígenas. Será mais difícil para um povo de cultura atávica admitir a Relação. Quanto mais que o povo atávico foi vítima da situação na qual se deu o encontro entre as culturas. Podemos admitir mais facilmente a Relação se formos brasileiros, do que se formos quechua ou descendente de Huron, porque nessas culturas existe o peso do atavismo que se opõe ao disperso do compósito. Há nelas o peso do sofrimento e da despossessão radicais. Enquanto os povos de cultura atávica não tiverem consentido livremente à Relação, esta estará ameaçada<sup>4</sup> (Glissant, 1995, p. 74).*

Essa afirmação de que “só a Relação é Relação” significa também que o que é possível captarmos das culturas é, por um lado, a relação delas entre si, a relação de cada uma ao todo possível da Totalidade-Terra e, por outro lado, as mutações que esse jogo de relações gera.

Entretanto, como o Todo-o-Mundo é movimento, só conseguimos apreender os contornos dos diferentes ciclos que compõem a dinâmica desse movimento. Em vista disso, juntamente com a idéia de “Ser”, a Relação implica que sejam também questionados os seus atributos: os conceitos de “permanência, de “estrutura” e de “quantificação”, que orientam o pensamento e as metodologias das ciências humanas.

Esse questionamento tornou-se necessário devido ao fato de que os contatos entre os homens e as culturas, e suas respectivas mutações, se dão

4 Texto original: Les peuples indiens sont des peuples “ataviques”. Et, quoi qu’ils en pensent eu-mêmes, les Québécois sont un peuple composite par rapport aux peuples ataviques que sont les Amérindiens. Ce sera plus difficile pour un peuple atavique d’admettre la Relation. D’autant plus qu’il a souffert de la situation. On peut admettre plus facilement la Relation quand on est Brésilien que quand on est Quechua ou descendant de Huron, parce qu’il y a le poids de l’atavisme qui s’oppose au dispersé du composite. Il y a le poids de la souffrance et de la dépossession radicales. Tant que ces peuples n’auront pas consenti librement à la Relation, elle sera menacée (Glissant, 1995, p. 74).

de forma abrupta, imediata e imprevisível, provocados pela interação dos elementos. E essa interação é infinita, profusa, acumulativa e sempre em movimento dentro da roda-viva do nosso espaço-tempo planetário. Por conseguinte, só a compreensão desse círculo de relações pode nos possibilitar uma melhor abordagem dos constituintes de cada cultura particular.

Diante disso, Glissant defende que tornou-se então urgente mudarmos a concepção e a vivência que temos de “identidade”. Trata-se para nós de concebermos que só o imaginário da Totalidade-Terra – o fato de que eu possa viver no meu Lugar aberto e em relação com a Totalidade-Mundo – nos levará a abandonar as múltiplas fronteiras (do “eu”, do “outro” da etnia, da religião, da língua, da nação, etc.) e seus corolários: a intolerância, o racismo etc. (Glissant, 1981, p. 68):

*É preciso não hesitar nunca em defender o oprimido e o ofendido; entretanto, o problema hoje é conseguir mudar a própria noção de identidade, a própria profundidade da experiência vivida que temos de nossa identidade, e conceber que somente o imaginário do Todo-o-Mundo (isto é, o fato de que eu possa viver em meu lugar estando em relação com a totalidade mundo), somente este imaginário pode nos fazer ultrapassar estas espécies de limites fundamentais que ninguém quer ultrapassar. O Todo-o-Mundo é incomensurável e se não captarmos o ritmo desse incomensurável, corremos o risco, na minha opinião – e esta é uma das bases da minha poética, do que poderíamos chamar de a minha poética – de arrastar os antigos impossíveis que sempre determinam as intolerâncias, os massacres e os genocídios [...] Não nos remetemos mais somente ao humanismo, à bondade, à tolerância, que são fugitivos, mas entrar nas mutações decisivas da pluralidade consentida como tal*<sup>5</sup> (Glissant, 1995, p. 68, 43).

A Relação é a força poética (a energia) do mundo mantida viva em nós *ce qui se fait du monde et ce qui s'en exprime* (“o que se faz a partir do mundo e o que dele se expressa.”). É força que irradia, dispersa; é força relativa que difrata e se contrapõe, portanto, ao conceito absorvente, totalitário, de “unidade”, que é força que concentra. É o imaginário da totalidade, que transmuta a loucura do mundo em um caos *envisageable*, isto é, possível.

O imaginário é a grande força transformadora das mentalidades: ele se alimenta da Opacidade do diverso, e permite captar as linhas de força da Totalidade-Terra, que constituem o que Glissant chama de os Invariantes dessa totalidade. O imaginário não é coercitivo como a “idéia” racional, pois prefigura o real, visionariamente, sem determiná-lo a priori.

5 Texto original: Il ne faut jamais hésiter à défendre l'opprimé et l'offensé, mais le problème est de changer la notion même, la profondeur même du vécu que nous avons de notre identité et de concevoir que seulement l'imaginaire du Tout-monde (c'est-à-dire le fait que je puisse vivre dans mon lieu en étant en relation avec la totalité-monde), seulement cet imaginaire-là peut nous faire dépasser ces sortes de limites fondamentales que personne ne veut dépasser. Le Tout-monde est une démesure et si nous ne prenons pas la mesure de cette démesure nous risquons, selon moi – c'est l'une des bases de ma poétique, de ce que l'on pourrait appeler ma poétique –, nous risquons de traîner les vieux impossibles qui déterminent toujours les intolérances, les massacres et les génocides. [...] Ne plus s'en remettre seulement à l'humanisme, à la bonté, à la tolérance, qui sont si fugitifs, mais entrer dans les mutations décisives de la pluralité consentie comme telle (Glissant, 1981, p. 68, 43).

Segundo Glissant, a função hoje dos artistas, dos escritores e poetas, é a de revelar, através da Poética da Relação, o imaginário das humanidades. O imaginário é capaz de transformar as mentalidades dos homens, e a Poética da Relação, por sua vez, é capaz de orientar, o que Glissant intitula de “a regra da ação” dos indivíduos e comunidades, impedindo, assim, que esta seja conduzida a partir de modelos tidos como universais e válidos para todas as culturas.

Glissant faz a crítica do imaginário ocidental habitado pelo ideário do poder, que projeta o espaço e o outro como alvos de conquista a ser feita através da audácia, da aventura, no acaso do desconhecido. Imaginário de heróis individuais no qual abundam os “Robinsons Crusóés” e os “Prósperos”.

No imaginário da Relação diluem-se as trajetórias, os itinerários, o “nomadismo em flecha”, isto é, aquele que avança e desbrava, porque este imaginário trama, tece, implica a paisagem no drama da Relação: esta deixa de ser um simples pano de fundo da narrativa, um cenário, e passa a ser habitada pelos resíduos/ rastros culturais transformando-se na “dimensão mutante e perdurável de toda e qualquer mudança e de toda e qualquer troca”<sup>6</sup>. O imaginário da Relação nos multiplica e é multiplicidade infinita:

*Porque o artista é aquele que aborda o imaginário do mundo, e que as ideologias do mundo, as previsões, os castelos de areia começam a falhar, é preciso pois começarmos a fazer emergir este imaginário. Neste imaginário não se trata de sonhar o mundo, mas sim de penetrá-lo... Isso significa que uma intenção poética pode me permitir conceber que na minha relação com o outro, com os outros, com todos os outros, a Totalidade-Mundo, eu me transformo trocando-me com o outro, permanecendo eu mesmo, sem renegar-me, sem diluir-me, e é preciso toda uma poética para conceber estes impossíveis [...]”* (Glissant, 1995, p. 43, 75).

As linhas de força da Totalidade-Terra não são visíveis em nenhum referente superficial, aparente. Elas constituem os Lugares Comuns (sem traço de união) dessa totalidade, que são captados pelos artistas e escritores através do pensamento poético, e correspondem à transformação dos “lugares-comuns” (com traço de união), isto é, que são comuns a todos os Lugares dessa totalidade realizada. Esta metamorfose só é possível através do ato criativo.

*Os lugares-comuns são partículas efêmeras em divagação neste nóculo frio que é a comunicação: todas as idéias estão no ar, mas sobretudo o que importa é a sua manifestação pública e se possível exagerada ou simplificada. (Dessa maneira, o lugar-comum constitui, com este traço de união entre os dois termos que o articulam, que o constituem, a*

6 A explicitação de Glissant (1995, p. 21) enfoca que: “penso que teremos que nos aproximar do pensamento do rastro (do resíduo) de um não-sistema intuitivo, frágil, ambíguo de pensamento, que convirá melhor à extraordinária complexidade e à extraordinária dimensão de multiplicidade do mundo no qual vivemos”.

7 Texto original: Parce que l’artiste est celui qui approche l’imaginaire du monde, et que les idéologies du monde, les visions du monde, les prévisions, les plans sur la comète commencent à faillir et qu’il faut commencer à lever cet imaginaire. Ce n’est plus là rêver le monde, c’est y entrer [...] C’est-à-dire qu’une intention poétique peut me permettre de concevoir que dans ma relation à l’autre, aux autres, à tous les autres, à la totalité-monde, je me change en m’échangeant, en demeurant moi-même, sans me renier, sans me diluer, et il faut toute une poétique pour concevoir ces impossibles là (Glissant, 1995, p. 43-75).

Os “lugares-comuns” são forças latentes, insuspeitas, desviadas ou diluídas por todos os Lugares do planeta pelos meios de comunicação, gerenciados pelos países industrializados, através do que Glissant chama de *agents-d’éclat* da mídia. Estes, a uma velocidade alucinante, e sob a forma de “espetáculo”, invadem as culturas, as consciências e o imaginário, gerando modas planetárias e eliminando o que antes era chamado de “influência” (de um grupo de indivíduos ou de obras de uma cultura particular sobre as demais culturas).

Gostaríamos de ressaltar que o que caracteriza todas as linhas de força glissantianas, presentes na noção de Relação, é a idéia de movimento: seja na confluência das culturas e na concepção de uma Totalidade-Terra aberta; seja na proposta de uma Identidade-Relação enquanto raiz-rizoma que vai ao encontro de outras raízes; seja na concepção de uma força poética que irradia e dispersa; seja naquilo que Glissant denomina *agents-d’éclat* da mídia – produtores e difusores dos lugares-comuns, onde artistas, poetas e escritores poderão captar os Lugares Comuns.

Este movimento presente na noção de Relação define os elementos de uma cultura no momento mesmo em que os desloca, transformando-os, pois as culturas em simbiose ou em conflito abrem diante de nós um desconhecido sempre próximo e deferido, cujas linhas de força se manifestam para se esvanecer logo a seguir. O movimento apresenta as seguintes características:

- a) A aceleração, que corresponde à capacidade dos homens e das culturas de, a qualquer momento, mudarem de direção e de ritmo, sem entretanto abdicar de sua natureza, de sua intenção e de sua vontade.
- b) A precipitação, que dispersa os circuitos de causalidade, cujo mecanismo poderíamos surpreender. Sua velocidade é ritmada pelos países industrializados através do controle dos meios de comunicação e do poder econômico. A situação mundial “compreende” culturas que se esgotam nesta velocidade e outras que são mantidas em estado de receptividade passiva.
- c) A imprevisibilidade e a “impredizibilidade” de suas resultantes. O diverso não é o “melting pot”, a mistura confusa e desordenada. O diverso compreende as diferenças que se encontram, se ajustam umas às outras, se opõem, se harmonizam e produzem imprevisibilidade e “impredizibilidade”. Para que haja Relação é preciso que haja valores culturais diferentes.
- d) A acumulação, isto é, a profusão concreta da diversidade da totalidade das culturas particulares em confluência, invade de

8 Texto original: Les lieux-communs sont les particules éphémères en divagation dans ce nodule froid qu’est la communication: toutes les idées sont dans l’air, mais en importe surtout la manifestation publique et s’il se peut outrée ou simplifiée. (Le lieu-commun est ainsi, avec ce trait d’union entre les deux termes qui l’articulent, qui le constituent, l’avatar spectaculaire de cette nécessité poétique, ouverte et mystérieuse qu’est le lieu commun.) (Glissant, 1990, p. 190).

concretude e joga por terra os conceitos abstratos das ciências ocidentais e suas generalizações abstratas – a modelização, a ideologia, a estrutura, a quantificação, a decomposição em elementos primários, que implicam a noção de “Ser” enquanto entidade auto-suficiente, singular, que encontraria em si seu começo.

- e) O tempo imediato e o Sendo, que se movimenta dentro deste tempo imediato. A Relação não pode ser concebida abstratamente antes que aconteça em um tempo imediato, e, por conseguinte, não existe nenhum “Ser” que preceda a Relação, tal qual foi concebido pelo Ocidente.

Essas características do movimento nos permitem então, entender que a Relação só é interessante se define, entre as culturas particulares, distâncias significativas determinantes (*des écarts déterminants*), Opacidades consentidas e não indistincões amalgamadas, conforme vem sendo defendido pelo discurso hegemônico da globalização:

*Como conciliar a radicalidade inerente a toda política e o questionamento necessário a toda relação? Somente concebendo que é impossível reduzir quem quer que seja a uma verdade que não tenha gerado de si mesmo, isto é, na opacidade de seu tempo e de seu lugar. A polis de Platão é para Platão, a visão de Hegel é para Hegel, a aldeia e a cidade do “griot” são para o “griot”. Podemos vê-los em confluência, sem confundí-los em um magma, ou reduzi-los um ao outro. Isso também porque essa mesma opacidade anima toda comunidade: o que nos reuniria para sempre nos singularizando para sempre. O consentimento geral às opacidades particulares constitui o mais simples equivalente da não barbárie<sup>9</sup> (Glissant, 1990, p. 208-209).*

Toda identidade particular é tributária tanto da maneira específica pela qual a coletividade participa, de uma forma que seja controlada por ela, da relação global, quanto de sua capacidade de se inscrever nessa velocidade global que lhe é imposta. Sua capacidade de variação e de flexibilidade são fundamentais, posto que o contato imediato de culturas e o fato de participarmos hoje, juntos, de uma consciência planetária regida pelo medo diante do futuro, altera todas as culturas e, ao mesmo tempo, gera uma relação de incerteza no que concerne a percepção que temos de cada cultura particular.

Cada vez que um “indivíduo” ou uma comunidade esforça-se em definir o seu Lugar na Relação, contribui para instaurar a *mouvance* na mentalidade geral, ou seja, para alterar as regras do que poderia tornar-se estável. Enquanto movimento, a Relação é a cada momento realizada e destruída, através de nosso próprio ato, em um lugar e em um tempo particulares. E é por isso que não se desenvolve na Relação nenhuma estratégia generalizável da ação:

9 Texto original: Comment concilier la radicalité inhérente à toute politique et le questionnement nécessaire à toute relation? Seulement en concevant qu'il est impossible de réduire qui que ce soit à une vérité qu'il n'aurait pas générée de lui-même. C'est -à -dire dans l'opacité de son temps et de son lieu. La Cité de Platon est pour Platon, la vision de Hegel pour Hegel, la ville du griot pour le griot. Il n'est pas interdit de les voir en confluence, sans les confondre en magma ou les réduire l'une à l'autre. C'est aussi que cette même opacité anime toute communauté: ce qui nous assemblerait à jamais, nous singularisant pour toujours. Le consentement général aux opacités particulières est le plus simple équivalent de la non-barbarie (Glissant, 1990, p. 208-209).

*Uma tal intervenção “na relação” só pode verdadeiramente se dar “em um lugar” ao mesmo tempo fechado sobre seus componentes e aberto sobre os refluxos dos seus ecos. A ideologia multiplicou as tentativas “regradas” para ultrapassar este limite obstinado, precisamente através da generalização: função final do proletariado, revolução permanente, missão civilizadora de uma nação, defesa universal da liberdade, ou ainda, cruzada anticomunista, [...], etc.. Essas tentativas de confisco ou de ações globais, esbarram sempre nas singularidades da Relação. Este só é universal pela quantidade absoluta e definida de suas particularidades*<sup>10</sup> (Glissant, 1990, p. 192-193).

Na Identidade-Relação, o Lugar, suas singularidades, suas Opacidades, é incontornável: é ele que nos mantém. O imaginário nos leva ao pensamento do universo, mas a estética através da qual concretizamos nosso imaginário, nos traz sempre do universo às poéticas definíveis de nosso mundo, no qual nos inspiramos para abordar o real de nosso tempo e de nosso Lugar.

## Bibliografia

GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.  
\_\_\_\_\_. *Poétique de la relation*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.  
\_\_\_\_\_. *Introduction à une poétique du divers*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1995.

---

10 Texto original: Une telle intervention “dans la Relation” ne peut vraiment se faire que “dans un lieu”, à la fois clos sur ses composantes et ouvert sur ses retours d'écho. Il ne peut se développer une stratégie généralisable de l'action dans la Relation. L'idéologie a multiplié les tentatives “régées” pour outrepasser cette limite têtue, précisément par la généralisation: rôle final du prolétariat, révolution permanente, mission civilisatrice d'une nation, défense universelle de la liberté, ou encore, croisade anticomunista, [...] etc. Ces tentatives de saisie ou d'action globales achoppent à chaque fois contre les singularités de la Relation. Elle n'est universelle que par la quantité absolue et définie de ses particularités (Glissant, 1990, p. 192,193).

